

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Estado de S. Paulo

Class.: 100

Data: 20/11/88

Pg.: 1

MUDANÇAS



Possuelo (E) brinca com o índio guajá: isolamento

Ricardo Chaves/AE-27/10/88

Velhos sertanistas não têm seguidores

ELIANA LUCENA

BRASÍLIA — Histórias contadas por sertanistas têm sempre forte clima de ficção, embora sejam reais e aconteçam, até hoje, em vários pontos da Amazônia, onde há pelo menos 85 grupos indígenas que não estabeleceram contato com os brancos. Mas os sertanistas estão acabando, junto com os últimos indígenas ainda isolados.

Os Villas-Boas, Orlando, Cláudio e Leonardo, que criaram o Parque do Xingu, estão aposentados. O legendário Francisco Meirelles morreu e seu filho Apoena trocou a mata pela vida de comerciante em Cuiabá. Outros foram mortos pelos próprios índios, como Gilberto Pinto, massacrado pelos uaimiris-atroaris, em Roraima.

Os poucos sertanistas ainda em atividade, como Sidney Possuelo, que no mês passado encontrou, no oeste da Bahia, um índio arredio, que poderia ser um avá-canoeiro, mas depois foi identificado com um guajá, do Maranhão, estão apreensivos quanto ao futuro do que resta de indígenas sem contato. "Se o governo não garantir suas terras, eles desaparecerão, abatidos pelas frentes de colonização, pelos garimpeiros e madeireiros", alerta Possuelo.

Apesar dessa preocupação, os sertanistas não negam o fascínio que sentem pela vida de aventura na floresta e os contatos, nem sempre amistosos, com as tribos. Orlando Villas-Boas, que hoje mora em São Paulo, enfrentou situações críticas. "Durante a expedição de contato com os txucarramães, no Xingu, fomos um dia cercados por 400 guerreiros e arrastados até a aldeia. Cláudio, eu e dois índios da expedição sentimos a morte perto. Os guerreiros estavam pintados de preto e nos ameaçavam com as bordunas." E Orlando explica: "chefe Cubencridi gritava em sua língua: 'Mata que branco não presta. Acabamos salvos pela interferência das mulheres, que, num primeiro momento, haviam fugido. Depois de contornado o clima de guerra, descobri que havíamos cometido um erro quase fatal: não levamos presentes para as mulheres'".

Orlando, que participou da expedição Roncador/Xingu há 40 anos conta muitas histórias de índios, mas também de sertanejos que acompanhavam as expedições: "Eram homens simples, mas de grande sabedoria. Um deles, certa vez, cansado das andanças, diante do deslumbramento de um senhor chegado da cidade com a beleza da serra do Roncador, em Mato Grosso, murmurou a seguinte frase: 'É, mas só serve pra fazer longe...'"

A partir de 1970, a profissão passou a ser novamente muito solicitada com a abertura de rodovias na Amazônia. Os sertanistas tentavam chegar às tribos isoladas antes das máquinas das empreiteiras. Para isso, precisavam queimar etapas das fases tradicionais do contato. O "namoro", que antes podia durar até anos, como aconteceu com os xavantes, constatados por Francisco Meirelles, era consumado em poucas semanas.

Os índios, assustados com a movimentação, inicialmente aceitavam a presença da expedição. Depois, sem explicações, partiam para o massacre. Em 1972, Possidônio Bastos — que trocou o jornalismo pelo trabalho com os índios — foi morto pelos cintas-largas de Rondônia. Dezenas de funcionários da Fundação Nacional do Índio (Funai) também morreram assim.

Nessa nova fase de ocupação da Amazônia, Sidney Possuelo afirma que, além da desconfiança dos índios, os sertanistas passaram a enfrentar a reação dos fazendeiros e posseiros: "Quando os txucarramães do Parque do Xingu decidiram destruir o povoado de Piarçu em 1973, construído no limite Norte do parque, decidi conversar com os posseiros. Fui recebido por homens armados. Um deles ameaçou-me com um revólver dentro de minha boca. Perdi vários dentes".

Possuelo admite que os contatos clássicos com tribos indígenas estão acabando. Embora se tenham notícias de malocas com até 400 índios ainda isolados no Norte do Pará e também na região de fronteira dos estados amazônicos, grupos remanescentes não contactados estão, hoje, praticamente ilhados no Acre e em Rondônia. Outros perambulam pelo Norte de Goiás — como os avás-canoeiros — e pequenos grupos de guajás, no Maranhão, sobrevivem por meio da pilhagem de fazendas.

Com 22 anos de Funai e chefe de seis expedições de contato, Possuelo pensa, atualmente, sobre o que resta de índios isolados: "Se não estiverem sofrendo ameaças, eles devem ser deixados em paz. O índio só sai perdendo depois de levado a conviver conosco".

"Enfrentávamos situações difíceis nas expedições", lembra Orlando. "Os sertanejos não tinham espírito indigenista. Viam o índio como um inimigo. Na hora do contato com os grupos arredios, era o maior trabalho para chegar até os índios e ao mesmo tempo controlar os sertanejos."

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: 143

Data: 20/11/88 Pg.: cont.

Opinião

Devastação ameaça a vida

Preocupada com a preservação do meio ambiente, a população se envolve com entusiasmo em movimentos ecológicos destinados a impedir a destruição da natureza. Entretanto, é uma preocupação nem sempre demonstrada por certas autoridades, que quase nada fazem para conter a ação predatória de inimigos da vida.

Um exemplo do problema é o que se passa na Estação Ecológica de Juréia-Itatins, reserva de 82 mil hectares no Litoral Sul de São Paulo, onde a devastação de matas virgens e a ocupação desenfreada ameaçam um dos últimos santuários naturais do País.

A administração estadual anterior criou a reserva florestal e tomou as medidas iniciais para sua proteção. Mas o atual governo não deu os passos seguintes, indispensáveis à consolidação do projeto: a fiscalização em defesa da flora e da fauna é precária, as áreas particulares não foram desapropriadas e as pesquisas científicas ficaram só nos planos. Cabe agora à população reagir para vencer a omissão oficial.